

VISÃO DO CORREIO

Faltou decoro na troca de Nísia

Durante o evento de sanção da lei do Mais Médicos, em julho de 2023, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi categórico ao avisar aos interessados em mexer no comando do Ministério da Saúde: “Tem pessoas e funções que são uma coisa da escolha pessoal do presidente da República. Eu já disse publicamente: a Nísia não é ministra do Brasil, ela é minha ministra”.

Nesta terça-feira, cerca de um ano e meio depois, também em um evento para anunciar políticas da pasta — desta vez, uma vacina contra a dengue 100% nacional —, não faltou demonstração de estima à Nísia Trindade. Mas vinda de outra frente. A ministra foi ovacionada por servidores da pasta presentes no salão do Palácio do Planalto e, com voz trêmula, fez um discurso com tom de despedida. Lula ficou em silêncio. Horas depois da cerimônia constrangedora, a demissão foi anunciada.

Na nota oficial que chancelou a troca por Alexandre Padilha, titular da Relações Institucionais, a partir de 6 de março, o chefe do Executivo “agradeceu à ministra pelo trabalho e dedicação à frente do ministério”. Ontem, Nísia afirmou que processos de substituição “fazem parte da vivência de qualquer governo” e criticou a imprensa por “antecipar decisões que cabem ao presidente”.

É, de fato, prerrogativa de qualquer gestor público, sobretudo de um presidente da República, que mantenha sua equipe condizente com as demandas do momento, ou com as dimensões técnico-políticas, nas palavras de Nísia. Da mesma forma, espera-se dos próximos uma relação de cuidado, principalmente em situações de criticidade.

Pressionado pela queda da popularidade, Lula passou a cobrar mais visibilidade aos feitos do governo. Com isso, a cobiça pela pasta que tem orçamento de R\$ 239,7 bilhões e capacidade de adotar medidas facilmente percebidas pela população obviamente aumentou. É de se estranhar, porém, o descompasso entre a declaração explícita de camaradagem em 2023 e o silêncio na cerimônia desta terça-feira.

Nísia foi alvo de um longo e desnecessário processo de fritura, costurado por aliados e reportado pela imprensa. A dinâmica se assemelha à substituição de outras mulheres do primeiro escalão do terceiro mandato de Lula — Daniela Carneiro, no Turismo, em julho de 2023; e Ana Moser, no Esporte, em setembro do mesmo ano.

Há de se ressaltar que todas as ministras que seguem no governo — Anielle Franco (Igualdade Racial), Cida Gonçalves (Mulheres), Esther Dweck (Gestão e Inovação em Serviços Públicos), Luciana Santos (Ciência, Tecnologia e Inovação), Macaé Evaristo (Direitos Humanos e Cidadania), Margareth Menezes (Cultura), Marina Silva (Meio Ambiente e Mudança do Clima), Simone Tebet (Planejamento) e Sônia Guajajara (dos Povos Indígenas) — declararam, nas redes sociais, a admiração ao trabalho desempenhado por Nísia à frente da Saúde, contrastando com o movimento de atribuir a demissão a uma suposta incompetência da então ministra.

Fortalecimento do SUS, valorização dos profissionais de saúde, aumento da cobertura vacinal, comprometimento com a ciência e combate às desigualdades estão entre os feitos destacados pelas ministras. Também destacados pelo movimento de desagravo que ganhou força logo depois do anúncio da demissão.

Primeira mulher a chefiar a Saúde, Nísia, que tem perfil técnico, aceitou o desafio de reconstruir um setor historicamente crítico e ainda mais enfraquecido por forte desmonte promovido pela gestão anterior, de Jair Bolsonaro. Errou, acertou e, como qualquer pessoa que aceite conduzir um projeto de governo vitorioso nas urnas, está sujeita a críticas. Mas é lamentável, como já expressei neste espaço, o ataque especulativo a que foi submetida e que a reforma ministerial tenha começado sem o devido respeito que Nísia, os demais servidores da saúde e os brasileiros merecem.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Que ninguém esteja lá

Quão emocionante foi ler o relato da Paloma Oliveto no seu texto: Que ninguém esteja lá (Correio, 20/2). O brasileiro tem o péssimo costume de só se importar quando “sente na pele”. O problema dos outros é do outro. Interpreta-se só o que se vê e sob lentes míopes. É estardalhaço e temerário o crescimento da extrema-direita no mundo. Hoje, fala-se em comunismo como uma pecha, mas, em um país de tantas desigualdades, rechaçamos, principalmente a classe média, qualquer tipo de justiça social. Veja que o avô da jornalista era um militar que não foi poupado. Caso semelhante se deu com o brigadeiro Rui Barbosa Moreira Lima, veterano da Segunda Guerra Mundial que, ao se opor ao regime de exceção, foi preso e torturado nos porões da ditadura. Eles não pouparam ninguém. Calaram vozes, silenciaram famílias e impuseram uma narrativa de um possível inimigo que se sabe lá se existiu. Que os cinemas do mundo estejam por muito tempo lotados para entender um período obscuro da nossa história e reflita sobre os próximos passos da humanidade. Até porque, com o andar dos povos, não sabemos se ainda estaremos aqui.

» **Marcos Fabrício L. da Silva**

mas um manifesto reflexivo e doloroso, com um forte apelo à memória e à resistência. Ao reconstituir a violência da ditadura militar e seu impacto devastador na vida da família Paiva, o filme conecta os ecos do passado às ameaças contemporâneas; histórias como a de Rubens Paiva precisam fortalecer o nosso clamor por mais democracia. Não há concessões ao conforto: estamos falando sobre o papel de todos na proteção da liberdade e na construção de uma sociedade mais justa e democrática. Com dignidade, *Ainda estou aqui* se dispõe a defender os direitos humanos e a construção de um futuro que respeite a memória e aprenda com os erros do passado. São inadmissíveis a repetição de práticas autoritárias e a perpetuação de desigualdades estruturais.

» **Marcos Fabrício L. da Silva**

Asa Norte

Violência

Mas onde está a raiz do problema que leva pessoas como Gêssica a deixarem onde moram para viverem em grandes cidades? A resposta está na base, na infância, na escola. A falta de oportunidade desde cedo, a ausência de um sistema educacional eficiente e políticas públicas negligentes empurram milhares de jovens para uma situação de risco. O Estado se omitiu. Deixou de garantir educação, segurança e oportunidade para que Gêssica (morta pelo ex, dentro de uma igreja, em Planaltina, no último sábado) e tantos outros precisassem sair de casa para sobreviver. Gêssica não teve culpa. Nenhuma vítima, tem. A responsabilidade recai sobre um sistema falho, que não protege, que não acolhe, que não investe onde realmente importa: na formação e no futuro de sua juventude. Enquanto não houver mudanças estruturais, continuaremos a ver histórias como a de Gêssica se repetindo sem que nada seja feito para impedir. Não culpem Gêssica. Não culpem a mãe de Gêssica.

» **Thiago Viana**

Brasília

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

“Vamos aprovar os cassinos no Brasil”, anunciou o ministro do Turismo, Celso Sabino. Agora, sim, o crime organizado terá CNPJ.

Joaquim Gomes Silveira

Taguatinga

Um dia depois de o GDF comemorar homicídio zero no Cruzeiro em 2024, vemos esse crime horrível na nossa cidade. Os números podem até estar melhorando, mas a sensação de insegurança no Cruzeiro e no resto do DF só piora!

Marlon Barros

Cruzeiro

Motorista de aplicativo é esfaqueada e morta no Cruzeiro. Quem anda a pé não vê polícia nas ruas das redondezas. Aqui no Sudoeste, por exemplo, aumentou muito a quantidade de moradores de rua.

Lucyara Costa

Sudoeste

Xandão, tem muito trabalho aqui no Brasil. Deixe o Trump louquear com Elon Musk e Bolsonaro. Aliás, Bolsonaro tem pouco tempo para ir para Marte com eles.

Denise Reis

Brasília



CIDA BARBOSA
cidabarbosa.df@dabr.com.br

Operação Camanducaia

Dia desses, zapeava na televisão quando me deparei com um documentário a respeito de uma das páginas mais medonhas da história deste país, uma das muitas atrocidades cometidas durante o regime ditatorial que manteve a nação sob seu jugo por 21 anos. De pronto, me veio à mente a frase de Ulysses Guimarães, de “ódio e nojo da ditadura”.

Neste momento, em que refletimos sobre o passado sombrio do país, especialmente na esteira de *Ainda estou aqui*, destaco esse documentário, sobre outro dos muitos casos de horror daquele período: a *Operação Camanducaia*.

O filme de mesmo nome, lançado em 2020, aborda a prisão arbitrária de 93 crianças e adolescentes — em situação de rua ou pertencentes a famílias de baixa renda — pela polícia de São Paulo, em outubro de 1974. Eles foram agredidos, colocados em um ônibus e levados para Camanducaia, cidade no sul de Minas Gerais. A intenção dos algozes era “limpar” as ruas de São Paulo.

Ao chegarem a terras mineiras, numa madrugada fria e chuvosa, os meninos foram abandonados nus e famintos. Até hoje, não se sabe o paradeiro de 52 deles.

O documentário traz o depoimento de três dessas vítimas, como David Francisco. Ele chora ao lembrar o que aconteceu. “Eu rezava para Nossa Senhora Aparecida”, disse. Contou que os policiais, depois de fazê-los descer do ônibus, mandaram que corresse e dispararam diversos tiros. “Com medo, você nem olha para trás. Eu estava com fome, apavorado, não sabia para onde ir.”

Outra vítima, Paulo Barreto relatou que, quando os policiais, mascarados, os colocaram no ônibus, disseram que iam levá-los para casa,

mas as cortinas nas janelas não permitiam que vissem em que direção o veículo estava indo.

Armando Ribeiro é outro que chora ao falar do desespero daqueles momentos. “A gente fica perdido, doído. Eu me senti sozinho, não tive coragem de gritar, não tinha voz.”

A barbárie chocou a sociedade na época, mas as supostas investigações não evoluíram, e o caso foi arquivado. Como afirma o diretor do filme, Tiago Rezende de Toledo, a história acabou esquecida por nossa memória coletiva.

Apesar de reviver a dor, Armando ressaltou a importância de falar daquele outubro. “É bom que todos saibam o que foi a ditadura militar.” E foi um regime tão brutal que não poupou nem crianças e adolescentes. Até bebês padeceram.

Não podemos nos esquecer da vítima mais jovem da ditadura, Carlos Alexandre, de 1 ano e oito meses. Em janeiro de 1974, o menino, filho de um casal considerado subversivo, levou um soco na boca, por ter chorado, e foi jogado no chão durante uma investida de agentes da repressão à sua casa, em São Paulo. Levado por militares, ficou 15 horas sob poder deles. Segundo relatos, foi torturado com choques elétricos.

Carlos Alexandre nunca se recuperou do trauma. Tomou antidepressivos e antipsicóticos e tinha fobia social, sofrimento que durou até 2013, quando tirou a própria vida.

Foi esse regime hediondo que perdurou por mais de duas décadas no Brasil, torturando, matando, estuprando, reprimindo, cassando direitos. Temos de lembrar, e vigiar, para que jamais se repita. É preciso, sempre, ter ódio e nojo da ditadura.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991158.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE—Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078

- Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correiosweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA Press Multimídia Atendimento personalizado para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br